

Entre saberes e fazeres do Campo, a identidade Geraizeira: a construção e o desenvolvimento de um projeto de trabalho interdisciplinar em escolas do Campo no Norte de Minas Gerais

Adrielle Ferreira da Silva

Professora da Escola Estadual de Serra Nova. Licenciada em Educação do Campo na área de Ciências Sociais e Humanidades (FaE/UFMG). Supervisora Residência Pedagógica (CAPES)

Álida Angélica Alves Leal

Doutora em Educação (FaE/UFMG). Licenciada em Geografia (UFMG). Professora Departamento de Métodos e Técnicas/UFMG. Coordenadora Institucional PIBID UFMG (CAPES).

Rafael Rabelo Arcanjo

Licenciando em Pedagogia (UFMG). Bolsista de Iniciação Científica (CNPq).

Ravi José Duarte Herzog

Licenciando em Pedagogia (UFMG). Bolsista de Iniciação Científica (CNPq).

Resumo

O trabalho aborda a construção e o desenvolvimento do projeto de trabalho interdisciplinar de uma Feira de Ciências, Cultura e Arte sobre saberes e fazeres do campo e identidade geraizeira, realizada há três anos (2016-2018) por Escolas do Campo da Educação Básica situadas no município de Rio Pardo de Minas, Norte do estado. Buscamos compreender o surgimento e o desenvolvimento do projeto, destacando as relações estabelecidas entre escolas e comunidades do entorno e o planejamento de ações a partir de temas geradores, que emergem das vivências no/do/com o território camponês. A investigação contou com revisão bibliográfica sobre “territórios geraizeiros” (Nogueira, 2009), princípios da Educação do Campo (Antunes-Rocha e Carvalho, 2015) e projetos de trabalho (Hernández, 1998), além da análise de relatórios e materiais audiovisuais produzidos durante a realização da Feira, especialmente em sua terceira edição. Também realizamos entrevistas narrativas com membros da comunidade escolar e do entorno.

Compreendemos que as práticas educativas associadas à Feira constituem uma importante repercussão das ações de licenciandos e egressos de Cursos de Graduação (Licenciatura), Atualização e Especialização em Educação do Campo no município pesquisado. O projeto reforça alguns princípios da Educação do Campo, com destaque para a consolidação da escola do campo como espaço-tempo de direito e, especialmente, o protagonismo dos sujeitos do campo.

Palavras-chave:

Rádio. Educomunicação. Popularização das ciências.

Introdução

O trabalho aborda a construção e o desenvolvimento do projeto interdisciplinar de uma Feira de Ciências, Cultura e Arte sobre saberes e fazeres do campo e identidade geraizeira, realizada há três anos (2016-2018) por Escolas do Campo da Educação Básica - Redes públicas municipal e estadual, nas modalidades ensino fundamental e ensino Médio - situadas no município de Rio Pardo de Minas, localizado na microrregião do Alto Rio Pardo, no Norte do estado de Minas Gerais. Buscamos compreender o surgimento e o desenvolvimento do projeto, destacando as relações estabelecidas entre escolas e comunidades do entorno e o planejamento de ações a partir de temas geradores, que emergem das vivências no/do/com o território camponês.

O texto tem origem em uma pesquisa mais ampla intitulada “Territórios, comunidades tradicionais e desenvolvimento sustentável: repercussões das ações dos sujeitos formados pela Licenciatura em Educação do Campo no Norte de Minas Gerais”. A mesma é financiada pela FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais) e desenvolvida por membros do NEPCampo/FaE/UFMG (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação do Campo da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais), entre pesquisadores e estudantes-bolsistas. A referida investigação pretende, dentre outras questões, analisar a trajetória das ações de egressos/as do LECampo FaE/UFMG (Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFMG) entre os anos de 2005 e 2015, mais especificamente aqueles/as que são naturais do município de Rio Pardo de Minas, localizado na região do Alto Rio Pardo, no norte de Minas Gerais. Busca-se identificar, sistematizar, mapear e analisar as repercussões das ações desenvolvidas por estes sujeitos no seu território de moradia e trabalho, visando identificar quais dessas repercussões são refletidas no desenvolvimento local.

Neste estudo, partimos do referido recorte espacial pelo fato do mesmo ser marcado pela presença substantiva de um grande número de alunos do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFMG, que é pioneiro no Brasil. O curso é ofertado desde 2005, quando contamos com o

ingresso de 60 estudantes, dentre eles, um único sujeito vinculado ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Rio Pardo de Minas. Desde então, até o ano de 2015 (período de levantamento de dados da pesquisa), já contamos com 47 (quarenta e sete) egressos deste município, nas quatro áreas do conhecimento ofertadas pelo curso.

O referido curso teve início como projeto (2005) e foi regulamentado e incorporado ao conjunto dos cursos da universidade em 2009¹. Sua organização curricular é realizada em quatro áreas do conhecimento, quais sejam: Ciências Sociais e Humanidades (CSH), Ciências da Vida e da Natureza (CVN), Línguas, Arte e Literatura (LAL) e Matemática. Sua organização espaço-temporal é no formato da alternância, composta pela articulação entre o Tempo Escola (TE) – quando os estudantes permanecem na Universidade nos meses de janeiro e julho para cursarem disciplinas acadêmicas – e o Tempo Comunidade (TC) – quando os estudantes permanecem em suas comunidades nos períodos intermediários, desenvolvendo atividades relacionadas ao curso. Dentre as atividades por eles/as realizadas, encontra-se a elaboração de uma monografia final de curso, cuja temática emerge dos diálogos entre TE e TC, que se entrecruzam nas leituras de mundo dos educandos sobre suas (re)existências nos territórios camponeses em que habitam. Ademais, também se destacam as Jornadas Socioterritoriais, que envolvem alunos, professores, docentes da Educação Básica, gestores escolares, movimentos sociais e sindicais, pais, jovens e moradores da região em uma ação dos estudan-

tes do LECampo junto às escolas e comunidade.

Acerca da experiência analisada neste artigo, destacamos que, ao longo da realização de entrevistas sobre ações desenvolvidas por egressos do curso de Licenciatura em Educação do Campo em um Distrito do município de Rio Pardo de Minas, denominado Serra Nova, deparamo-nos com narrativas relativas à terceira edição da Feira de Ciências, Cultura e Arte, intitulada “Identidade Geraizeira: tradições e conservação do Cerrado”, realizada em 2018. Tal projeto chamou nossa atenção, dentre outros aspectos, pela intensa mobilização não apenas da equipe da escola e de seus estudantes, mas também da comunidade local. Notou-se a vinculação do projeto com as necessidades do contexto local, assumindo um caráter prático, concreto e ativo, como indica Hernández (1998), em torno da discussão do território, sobre os saberes e fazeres camponeses, com destaque para a identidade geraizeira. Tendo em vista a experiência de articulação escola-comunidade, surgiu a ideia de escrevermos este texto, envolvendo parte da equipe da pesquisa e uma docente da escola. O sentido é sistematizar caminhos já percorridos pelo projeto e, também, ensaiar algumas análises que, posteriormente, serão aprofundadas na pesquisa mais ampla, constituindo outros materiais de divulgação científica.

1- Nos anos de 2005 e 2008, o curso foi ofertado como projeto, com abertura de uma turma em cada um dos anos mencionados.

Metodologia

Para a realização deste estudo, procedemos uma revisão bibliográfica sobre temáticas como territórios Geraizeiros (Nogueira, 2009), Educação do Campo (Antunes-Rocha e Carvalho, 2015) e projetos de trabalho (Hernández, 1998), além da análise de relatórios e materiais audiovisuais² produzidos, especialmente, na terceira edição da Feira (2018). Ademais, analisamos entrevistas narrativas realizadas com membros da comunidade escolar e do entorno que versavam sobre o assunto. As entrevistas foram realizadas em setembro de 2018, sendo gravadas, transcritas e transcriadas pela equipe da pesquisa. Procedemos à análise de conteúdo das mesmas conforme as discussões realizadas por Bardin (1977).

2- Materiais audiovisuais da segunda e da terceira edições da Feira disponíveis, respectivamente, nos endereços: <https://www.youtube.com/watch?v=wUBU9urGXSE&t=4>, Acesso em: 14 jun. 2019 e <https://www.youtube.com/watch?v=DBANVw678GI&t=28s>, Acesso em: 14 jun. 2019

Desenvolvimento

Esta gente quer esta terra,
Não por ganância ou ambição.
Querem trabalhar nela,
Tirar dela o seu pão.
E também poder manter vivos
Seus costumes e a tradição.

(Luzia Faustina Pereira, Rio Pardo de Minas)

Para o desenvolvimento do artigo, trazemos, inicialmente, a contextualização da pesquisa por meio da apresentação e caracterização do município onde as ações foram desenvolvidas, com destaque para os “territórios geraizeiros” (Nogueira, 2009). Em seguida, trazemos discussões acerca dos princípios da Educação do Campo (Antunes-Rocha e Carvalho, 2015) e, também, sobre projetos de trabalho (Hernández, 1998). Adiante, trazemos aspectos relacionados ao surgimento e desenvolvimento da Feira de Ciências, Cultura e Arte e, por fim, algumas considerações finais acerca do trabalho.

Contextualização

A fim de contextualizar a pesquisa em questão, apontamos que o município de Rio Pardo de Minas está localizado na região Norte do estado de Minas Gerais (Figura 01) e na microrregião do Alto Rio Pardo, composta por quinze municípios. Dados do Projeto Bem Diverso (2019, s/p) informam que, na microrregião, “população está estimada em cerca de 192 mil habitantes, dos quais 86 mil vivem na área rural”, ou seja, 45%. O Alto Rio Pardo é marcado pela biodiversidade que caracteriza a transição entre o cerrado e a caatinga. Grande também é a diversidade de comunidades tradicionais que habitam o território, com a maior presença de Geraizeiros e Quilombolas.

Rio Pardo de Minas é marcado pelo médio Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM 2010 de 0,624). Com população de 29.099 pessoas, sendo 40% habitantes da área rural (IBGE/2010), o município caracteriza-se pela presença de comunidades remanescentes de quilombos que, atualmente, vem lutando pelo reconhecimento de suas terras e sua cultura. Além destes sujeitos, o município concentra uma população Geraizeira bastante expressiva. A luta destes povos tem sido bem significativa na reafirmação e luta pela preservação do cerrado no norte de Minas Gerais. Conforme o projeto Bem Diverso (2019, s/p),

Os Geraizeiros habitam os chamados “Gerais”, região de chapadas do Cerrado norte-mineiro que cobre boa parte do Território Alto Rio Pardo. Este grupo tem forte ligação com a terra, manejando-a há séculos no extrativismo de produtos do Cerrado e na criação à solta de animais nas terras comunais das chapadas e suas encostas e no estabelecimento de roças, quintais e currais nas áreas de baixadas onde constroem suas moradas. Essas populações são caracterizadas pela estreita relação de parentesco e colaboração mútua entre seus povoados realizando trocas de plantas e de conhecimentos associados à natureza e a vida geraizeira. Estes ainda mantêm relações históricas de comércio e trocas com os Catingueiros, localizados na baixada São Franciscana, e com as comunidades tradicionais do vale do Jequitinhonha.

Os chamados “territórios geraizeiros”, compreendidos como territórios tradicionais por serem um espaço economicamente diversificado e diverso, comportam diferentes formas de uso, cuidado e ocupação da terra. Essa forma de ser e ocupar o território caracteriza a relação destes sujeitos com a propriedade, a terra, a maneira como se relacionam com o trabalho, dando-lhes formas de expressar seu modo de vida na religiosidade, na luta pela coletividade e organização política por onde vieram a consolidar e determinar esses povos em sujeitos concretos na luta por seu território. Caracteriza-se por ser uma propriedade coletiva, terra onde se soltava gado nas áreas mais altas - as chapadas -, bem como se praticava nas partes mais úmidas e baixas a extração de frutas, ervas medicinais e do plantio de diversas culturas, como mandioca, cana, amendoim, arroz, feijão, café e etc. Neste sentido, o território é caracterizado pela diversidade cultural, pela multiplicidade geracional e recriação de saberes, de conhecimentos, de luta e organização social. Para as comunidades tradicionais geraizeiras, a forma de ser e ocupar seus territórios produziu historicamente as referências necessárias para a garantia e legitimidade de suas lutas, por sua identidade e pelo território. (Nogueira, 2009)

Nos anos 1970, na época da Ditadura Militar, difunde-se uma política de interiorização para garantia de ocupação dos “vazios territoriais” no Brasil, sob a justificativa desenvolvimentista de modernização da agricultura. No norte de Minas, capitaneada pelo Estado, a monocultura de eucalipto foi implantada por empresas baseando-se em um modelo de produção que privilegia o agro-negócio e o latifúndio, dando origem a um histórico de conflitos repleto de violações. As apropriações de terras públicas através das grilagens passaram a incorporar vastas extensões de terras da região do Alto Rio Pardo, além de expropriar de forma violenta as terras historicamente pertencentes aos geraizeiros.

Rio Pardo de Minas, portanto, localiza-se em uma região do estado fortemente marcada por diversos conflitos envolvendo as empresas de monocultura de plantio de eucalipto e, mais recentemente, empresas de extração de minério de ferro e as Comunidades Geraizeiras. A introdução

da monocultura alterou a lógica de vida de sujeitos que historicamente ocupavam aquela região, além de modificar, de forma brusca, a paisagem local, convertendo-a em maciços de eucalipto, o que implicou na expropriação de terras dos geraizeiros além de produzir um grande impacto socioambiental na região, com a redução da água, dos frutos nativos, das ervas medicinais e da cultura de plantio diversificada.

A constituição da identidade cultural das comunidades geraizeiras começou a se definir a partir da introdução da monocultura de eucalipto na região e das tensões consequentes dessa ação, uma vez que, para os geraizeiros, esse conflito se expressou como possibilidade de resgate de um território que por direito lhes pertence. Dessa maneira, a identidade cultural geraizeira está intimamente ligada ao bioma do cerrado e a forma dessas comunidades, especificamente, lidarem com a terra e a sua produção. Nesse sentido, na medida em que se organizam, são as relações de poder que os geraizeiros estabelecem com o cerrado que definirão sua identidade enquanto comunidades tradicionais e não única e exclusivamente o cerrado por si só, indicando que sua identidade e suas relações com o campo são cada vez mais a favor de uma produção alternativa envidada pelo desenvolvimento sustentável e, na mesma medida, mas contrária a uma cultura voltada para o agronegócio e para a lógica hegemônica. (Nogueira, 2009)

O reconhecimento destas lutas ganha força com a publicação Decreto 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, que cria a Política Nacional De Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Ainda ancorada no decreto, inciso V, há um reforço na forma de “garantir e valorizar as formas tradicionais de educação e fortalecer processos dialógicos como contribuição ao desenvolvimento próprio de cada povo e comunidade, garantindo a participação e controle social tanto nos processos de formação educativos formais quanto nos não-formais” (Brasil, 2007, p.2). Desta maneira, a forma de ser e ocupar esse território produzida historicamente garante as referências necessárias para legitimidade de suas lutas, fortalecendo sua identidade e seu território.

Educação do Campo e seus princípios

É neste contexto de fortalecimento e reconhecimento dos povos do campo com suas culturas, demarcando suas identidades, que surge a proposta da Educação do Campo, no ano de 1998, que vem se consolidando enquanto política pública através de programas como o PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária) e o PROCAMPO (Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo), por exemplo, em oposição aos que até então existiam, vinculados à chamada educação rural.

A Educação do Campo constitui-se como um conjunto de princípios, conceitos e práticas que pautam as esferas governamentais em termos da demanda por um projeto educacional que responda aos interesses de um grupo social em torno da luta para construir processos para a produção e reprodução de suas vidas como camponeses. Segundo Caldart (2012, p. 259), a Educação do Campo é

[...] um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Objetivo e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana.

Para Antunes-Rocha e Carvalho (2015), os princípios da educação do campo podem ser pensados a partir de uma tríade: escola, campo e sociedade. Para as autoras, é preciso que o projeto voltado para a escola seja pensado no sentido de compreendê-la como um espaço-tempo de direito para os sujeitos do campo e pensada a partir do protagonismo destes sujeitos, articulado a um projeto de campo e de sociedade. Ainda conforme as autoras, um projeto de campo e um pro-

jeto de sociedade devem ser pensados a partir de uma mudança de paradigma, no qual o campo passe a ser valorizado, não mais subordinado aos interesses do capital, bem como campo e cidade possam construir em conjunto um novo projeto de sociedade mais igualitário. O protagonismo dos sujeitos diz respeito à valorização do conhecimento trazido pelo educando do campo para dentro da escola, sendo que o encontro do conhecimento trazido pelo estudante e o conhecimento escolar deve propiciar a autonomia desse sujeito. A escola de direitos, por sua vez, diz respeito a uma escola situada nas comunidades rurais de vivência dos estudantes, onde tenham estruturas escolares adequadas para os estudos, que o ambiente seja saudável e garanta a eles o seu direito à educação. Estes princípios são fundamentais para a construção de uma Educação do Campo que faça sentido para os sujeitos do campo e que possa atender suas demandas específicas, visando que as populações camponesas suas condições garantidas no campo.

Em Minas Gerais, foram executados, no período entre 1998 a 2018, um expressivo número de projetos relacionados a formação de educadores sob a perspectiva da Educação do Campo³. Essa abrangência da oferta se relaciona também com a diversidade dos níveis e modalidades de cursos implantados. O Estado é considerado como um gerador de inovações em termos de processos formativos na perspectiva da Educação do Campo. Infere-se que existe no Estado um contingente de pessoas que participaram dos cursos de formação inicial e continuada ofertada nesses últimos vinte anos, que podem estar desenvolvendo distintas formas de participação sócio-política em suas comunidades, bem como atuando em escolas como educadores e gestores em diferentes contextos sócio territoriais, como é o caso da experiência do projeto apresentado neste texto.

Projetos de trabalho

Os projetos de trabalho buscam construir práticas pedagógicas democráticas, nas quais todos os sujeitos encontrem na escola um espaço de aprendizagem potente e emancipador, em que se pensa o ensino integrado e articulado com os

vários campos do conhecimento. Como nos diz Hernández (2001), concepções pedagógicas que começaram a surgir nos anos 80, tal como os projetos de trabalho, mostram que o interesse dos estudantes e a necessidade de articular o conhecimento ao seu mundo deve assumir centralidade nos planejamentos do trabalho escolar. Neste sentido, os projetos também são concebidos para que populações historicamente marginalizadas dentro do ambiente escolar, por não se identificarem com o que é comumente proposto, comecem a ver, na escola, um espaço em que possam aprender.

Entre outras razões porque mostraram, por exemplo, que os pobres, os filhos e filhas da classe operária, não eram problemáticos no caso de se levarem seus referenciais; nem eram menos inteligentes que aqueles das classes menos favorecidas, se planejássemos um currículo que levasse em conta suas preocupações (Hernández, 2001, p.02)

A partir desta reflexão inicial, indagamos: como os projetos de trabalho se articulam com a Educação do Campo e, mais especificamente, com a Feira de Ciências, Cultura e Arte que aqui pretendemos analisar?

Como nos dizem Antunes-Rocha e Carvalho (2015, p.28), “a educação fornecida no campo nada mais era do que uma extensão da educação fornecida nas cidades, uma educação distante da realidade camponesa, mas emparelhada com os interesses das elites citadas.” Reconhecemos que, historicamente, a educação para os povos do campo no Brasil foi pensada a partir da perspectiva da cidade, não tendo a sua devida contextualização aos sujeitos do campo. Hernández (2001) nos diz, reafirmando o trecho acima, que educação precisa ser contextualizada para que faça sentido, o que a educação rural, pensada a partir da educação citadina, não oferece. É importante ressaltar que, além de promover um ambiente educador potente, a educação dentro de

2- Referimo-nos à formação inicial de professores do campo por meio dos cursos de Licenciatura, a formação continuada de docentes através do Programa Escola da Terra, além de cursos de Especialização, dentre outras ações.

um contexto adequado a população do campo, é um direito que a Lei 9394/1996, garante a essa população em seu artigo 28, inciso I:

Art. 28. Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente: I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; (BRASIL, 1996)

Hernández (2001) coloca que não há receita para projetos de trabalho, pois sabe que, em cada contexto, a educação precisa ser diferente. Os princípios da educação do campo, portanto, podem se constituir como uma baliza importante para analisar em que medida projetos como o que aqui analisamos possam ser constituídos de modo a garantir a qualidade social requerida no contexto educativo ofertado a sujeitos do campo, atentando para suas demandas e especificidades.

Feira de Ciências, Cultura e Arte no “coração dos gerais”: surgimento e desenvolvimento de um projeto de trabalho interdisciplinar na região do Alto Rio Pardo

“Nós não podemos fazer escola sem lembrar das nossas raízes, sem lembrar do nosso passado, sem lembrar daquilo que é nosso”. (Cleiton, Diretor da EE de Serra Nova. Abertura da 2ª edição da Feira, 2017)

O projeto de trabalho da Feira de Ciências, Cultura e Arte teve início em 2016 na Escola Estadual de Ensino Médio de Serra Nova, Distrito de Rio Pardo de Minas, que abrange 17 (dezesete) comunidades rurais⁴. Sua origem está vinculada à candidatura do atual Diretor da escola, Cleiton, morador da região, ao cargo de gestor. O projeto da Feira foi apresentado como um dos

eixos de plano de gestão. Seu intuito consistiu em “valorizar a cultura regional, o trabalho no campo e a cultura camponesa”, pensando a escola como um espaço-tempo de direitos para os povos do campo, como apontado no relato que consta em epígrafe. A inspiração para a elaboração da proposta esteve vinculada à participação do então candidato como orientador do Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio (PNEM)⁵, que, dentre outras ações, buscou materializar as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Tal documento aponta o trabalho, a cultura, a ciência e a tecnologia como dimensões que devem estar contempladas no currículo do Ensino Médio, visando a integração das diferentes áreas que o compõem. Cleiton destaca a manifestação do apoio da comunidade escolar e do entorno à sua proposta, uma vez que dialoga com a cultura local e o desejo dos sujeitos em resgatarem algumas tradições e, também, impulsionar algumas práticas ali existentes, por exemplo, referentes à lida com os produtos cerrado.

Sobre o período escolhido para a realização da Feira e seu significado, os/as entrevistados/as relataram sobre a vinculação com a festa da padroeira do Distrito, realizada durante o mês de agosto. Ressalta-se, pois, a dimensão da religiosidade na constituição das identidades das comunidades tradicionais geraizeiras. A egressa do LECampo da área de Ciências da Vida e da Natureza (CVN) e atual docente da escola, Tânia, destaca que a festa religiosa é comemorada há mais de um século, sendo de reconhecida importância na história da comunidade. Contudo, a festa era marcada pela ausência de inovação, o que estava causando, paulatinamente, o esvaziamento da participação da comunidade local e externa, vinda de outras comunidades do município e de outras cidades.

4- De acordo com Mendes (2008), comunidade rural se refere a “pequenas aglomerações mais ou menos concentradas e que apresentam um alto índice de parentesco. As famílias estabelecem uma organização de vizinhança, criando um sentimento de localidade e identificação. Esses aspectos conferem às famílias, de uma determinada comunidade rural, uma identidade geográfica e social” (apud Silva e Hespagnol, 2016, p.365).

5- Programa regulamentado pela Portaria Ministerial no 140, de 22 de novembro de 2013, que visou à valorização da formação continuada dos professores e coordenadores pedagógicos que atuam no Ensino Médio público, nas áreas rurais e urbanas.

Comentando sobre a festa religiosa, a professora Adrielle, egressa do LECampo, o estudante do LECampo Lucas, ambos vinculados à área de Ciências Sociais e Humanidades, e o professor Anselmo, da área de Arte, nos disseram que o esvaziamento também esteve vinculado aos processos de mudanças e permanências nas dinâmicas da vida local, referentes às antigas e às novas formas de realização da festa religiosa por diferentes gerações que ali convivem. Os relatos dos entrevistados reforçam que a festa, com o passar do tempo, começou a ocupar um outro sentido na vida da comunidade, diferente do sentido religioso. A Feira de Ciências, Cultura e Arte, por um lado, recupera o sentido religioso e, por outro lado, reencontra um outro lugar da festa, ligado aos saberes e fazeres do campo e ao restabelecimento e fortalecimento dos laços de vizinhança, amizade, união, solidariedade e reciprocidade dentro das comunidades e entre diferentes comunidades rurais participantes das atividades, conforme segue:

com o tempo, percebemos as resistências à festa, assim, como nós somos de outra geração, a minha geração é uma geração da internet, né? Essa agora eu nem sei qual que é, se é x, y, não sei. [risos] Mas o pessoal que pensa mais em rede, as coisas que Serra Nova tinha como festa antigamente, passaram a não ser mais prioridade, porque assim, a gente ficava esperando, né? A barraquinha de brinquedo, aquela coisa. As coisas que tinham que só tinham na festa, hoje a gente encontra, mas hoje em dia não é mais novidade assim. A pessoa não vai vir pra cá pra ver isso. Continua tendo mas tava perdendo, principalmente essa relação entre comunidade e festa. Vizinhança mesmo, as comunidades vizinhas e tal. (Professor Anselmo, Disciplina Arte, Escola Estadual de Serra Nova)

O pessoal começou a perder o interesse porque tava com muita violência, barulho, carro de som, já tinha perdido a essência da festa em si. E outra questão para se destacar é a de como o povo, não só os alunos, gostam dessa feira no sentido de que você chega na Feira e vê um idoso olhando as coisas e se encantando: “Isso

é do meu tempo” e tal. A gente vê a pessoa resgatando na memória como que foi aquele tempo, como tá diferente hoje, como as coisas são transformadas numa velocidade muito grande. (Lucas, estudante do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFMG, bolsista do Programa Residência Pedagógica)

Quando a gente era criança que a gente vinha, né? Eu lembro que vinha com minha avó ainda, pequenininha. Tinha o que você ver, e aí chegou um tempo que a festa estava acabando assim, que só tinha essa modernidade entre aspas, mais som automotivo, que era um negócio mais de bares e essas coisas. Não tinha nada que chamava essas pessoas mais idosas que não gostam dessas balada, de som, bebida e essas coisas. Não tinha nada que chamava a atenção. E a feira chama, eles vão, olham, revivem aquilo que já passou na vida deles. (Professora Adrielle, Disciplina Sociologia, Escola Estadual de Serra Nova)

Sobre a organização da Feira em diálogo com a Festa, Adrielle menciona desafios relacionados a resistências e desentendimentos decorrentes das mudanças de sentido propostas, que passaram a ser resolvidos com a reorganização do espaço da comunidade, envolvendo negociações e acordos diversos:

Quanto à organização do espaço, no segundo ano em que a Feira foi realizada, registrou-se duas situações de desentendimentos entre pessoas e/ou grupos presentes. Neste sentido, houve alguma resistência de parte de alguns moradores na continuidade do projeto, contudo, foram modificados alguns procedimentos, passando-se a solicitar a retirada de carros e, também, o fechamento da rua principal do Distrito para a realização da Feira, o que proporcionou o fim de brigas e a continuidade das ações em 2018. (Professora Adrielle, Disciplina Sociologia, Escola Estadual de Serra Nova)

Especificamente sobre a Feira, a entrevistada salienta que a escola assume o papel de organizadora e articuladora do evento, que acontece em parceria com a Prefeitura e o Sindicato. Ademais, em suas palavras, este “é um dos projetos que

mais dá essa identidade para a escola e para os alunos. Que mostra, também, um pouco do trabalho docente, o trabalho dos professores aqui na escola, né? É uma hora que a gente expõe mesmo como a gente trabalha, qual a forma de se trabalhar com os alunos”. A docente Atháise, egressa do LECampo da área de Matemática, entende que é por meio da Feira que a escola auxilia os estudantes a darem um retorno às comunidades sobre os trabalhos que desenvolvem e o conhecimento que ali produzem, contribuindo para a compreensão de sua própria realidade.

Destacamos que objetivo geral da Feira consiste em “resgatar, valorizar e divulgar a cultura regional em busca de conhecimentos culturais acerca das tradições do campo”. Dentre os objetivos específicos, estão: “incentivar o desenvolvimento de manifestações socioeducativas e culturais no âmbito escolar; estimular o protagonismo dos jovens e o espírito comunitário; favorecer a integração social do grupo; socializar todos os integrantes da comunidade através da troca de ideias e experiências, buscar meios a serem adotados viabilizando a conservação do cerrado”, entre outros, conforme projeto elaborado pela equipe da Escola na ocasião do planejamento de sua terceira edição, no ano de 2018.

O projeto é elaborado no início do ano letivo, sendo trabalhado pelos professores de todos os componentes curriculares ao longo do semestre, pois entende-se que “os educadores devem contribuir para formação de uma geração consciente em relação ao seu papel como cidadão, voltado para uma valoração ética, social, econômica e cultural, além de pensar numa escola que promova esse aprendizado, de se ensinar a importância de atitudes de valorização, para que as gerações futuras possam conhecer e dar continuidade a atividades como esta”.

No início do ano letivo, a equipe docente, de coordenação e gestão escolar realiza uma discussão preliminar acerca de temáticas que mais despontam no cotidiano da escola e da comunidade, levantando questões a serem apresentadas aos estudantes para definição do tema a ser trabalhado na Feira. Em seguida, são realizadas discussões para a definição temática e, também, a organização do trabalho, dando destaque à participação dos estudantes nesta discussão. A professora Adrielle explica que:

Primeiro a gente senta para decidir o tema. [...] Os professores junto com a diretoria e especialistas e representantes de turma. Tudo que a gente faz na escola é com os representantes de turma. Aqui tem muito isso, inclusive algumas pessoas não gostam. Mas a gente dá muita voz aos alunos. Isso aqui tem muito! Eleição de representante de turma, eles fazem reunião. Se algum professor tá trabalhando de alguma forma que não está legal para eles, eles se reúnem e decidem o que vai fazer. [...] Então, primeiro, discutimos qual vai ser o tema. Esse ano [2018] foi Identidade Geraizeira. A gente deu algumas sugestões, surgiram alguns nomes, mas um dos motivos foi, primeiro: a Comunidade Moreira, que tem alguns alunos de lá, acabou de receber o certificado de identificação de Comunidade Geraizeira. E a Comunidade Baixa Grande está em processo. Só que, aqui, todas as comunidades têm uma ligação muito grande uma com a outra. É uma região onde tem 40 comunidades, onde a gente tem uma ligação muito grande. Claro que tem umas que não são tão próximas, mas tem algumas que são muito próximas. E aí tudo que acontece em alguma comunidade, todo mundo fica sabendo e participa. Tanto que o dia que teve os encontros com a antropóloga que veio ajudar a comunidade a ter um laudo e produzir algo para poder provar isso, foi um representante de cada comunidade para Baixa Grande para poder participar disso. Até porque todas as comunidades têm esse interesse, então para ir aprendendo, né? E aí, por esse, motivo a gente falou: “Não é se tornar uma comunidade, a gente quer é reconhecer”. Para gente reconhecer, a gente tem que fazer o futuro das nossas comunidades, que são os adolescentes, que são nossos alunos hoje, para que se reconheçam, né? E aí a gente pensou em trabalhar sobre a Identidade Geraizeira. (Professora Adrielle, Disciplina Sociologia, Escola Estadual de Serra Nova)

Para Costa (2001, p.179), o protagonismo como modalidade de ação educativa refere-se “à criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolverem-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade e compromisso”. O protagonismo, como parte da formação dos educadores do campo e como desdobramento de suas ações junto às juven-

tudes camponesas com as quais trabalham, expressa uma forma de luta, pois se trata de uma educação que leva em conta as relações mais amplas de inserção na vida social, que garante e contempla os interesses e o desenvolvimento sociocultural e econômico dos povos que habitam e trabalham no campo. Na experiência em análise, o protagonismo, portanto, é demarcado por uma trajetória histórica de luta que se deseja partilhar entre diferentes gerações na relação com o território. A professora Atháise, de Matemática, relata sobre a participação dos estudantes:

Acho que assim, colocar a responsabilidade para eles, eles se sentem valorizados demais. Se a gente ficar fazendo tudo, ficar falando tudo, não deixar eles serem protagonistas dos movimentos que fazemos na escola, eles ficam de lado, no cantinho. Quando você dá responsabilidade para os alunos, você não tem ideia de quantos trabalhos maravilhosos saem! A gente pensa que eles não têm capacidade, mas eles têm mais capacidade que a gente! Têm curiosidade, buscam as coisas, pesquisam. (Professora Atháise, Disciplina Matemática, Escola Estadual de Serra Nova)

Ainda sobre a organização dos trabalhos, tal como indicado pela professora Adrielle, em 2018 emergiu na escola a discussão sobre a luta das comunidades pelo reconhecimento dos territórios tradicionais geraizeiros. Na ocasião, foram organizados grupos de trabalho tomando como critério a comunidade de moradia dos estudantes e a organização do currículo por áreas de conhecimento, definindo, a partir daí, os docentes responsáveis pelo acompanhamento de cada grupo. A divisão das atividades por áreas de conhecimento reflete o modo de organização dos cursos de licenciatura voltados para a formação de professores do campo: Língua, Arte e Literatura; Ciências da Vida e da Natureza; Ciências Sociais e Humanidades e Matemática. Cabe salientar que a escola é organizada de maneira seriada e seus estudantes são divididos em turmas. Isto, por um lado, traz algumas dificuldades na organização do trabalho pedagógico e no acompanhamento das atividades realizadas pelos estudantes durante a Feira. Por outro lado, demonstra a capacidade da escola de, por meio da Feira, encontrar ele-

mentos para mediar e articular outras formas de organização dos tempos, espaços e da produção do conhecimento na escola. A professora de Matemática Atháise destaca tal aspecto da seguinte maneira:

A gente dividiu por comunidade, né? Então assim, acho que é uma coisa que dificultava, até mesmo quando eu estudava. Vamos fazer os trabalhos por sala? Talvez uma pessoa da minha sala morava numa comunidade muito distante, que era difícil o encontro no dia-a-dia da gente. Na feira, a gente busca fazer os trabalhos por comunidade. “Ah, Fulano é do primeiro ano e eu sou do segundo, como que eu vou fazer?”. Não, é lá na comunidade que vocês vão se encontrar. É mais fácil o acesso. A gente fez, pelo menos na minha área [Matemática], a gente fez a divisão por comunidade. Foi maravilhoso! Eles se entendem muito bem porque têm as mesmas culturas. Um é primo do outro, ali já mora próximo. Aí a mãe de Fulano já conhece uma receita de biscoito de jatobá, um sorvete de coquinho que a outra também conhece... E aí eles fizeram isso por comunidade, eles mesmos montaram os livretos e a gente fez a impressão. Eles trouxeram essas receitas prontas para degustação, foi um sucesso! Tinha coisas que até as pessoas mais antigas não conheciam. Aí eles trouxeram isso e foi um trabalho lindo mesmo assim. Acho que isso faltava. (Professora Atháise, Disciplina Matemática, Escola Estadual de Serra Nova)

Cabe salientar que as atividades pedagógicas são desenvolvidas por docentes e discentes em sala de aula e, também, nas comunidades - por meio de pesquisas, leituras, discussões, debates, confecção de materiais, entrevistas etc -, quando contam com o suporte de outros sujeitos. Os encontros de docentes, estudantes e outros sujeitos nas comunidades, por vezes, acontecem nas residências, salientando-se a mobilização de relações de vizinhança e parentesco, fortalecendo os laços afetivos e comunitários. Neste contexto, as trocas de conhecimento e diálogos entre saberes, especialmente dos membros mais velhos da comunidade com os jovens, se fazem presentes. Nos relatos dos entrevistados, percebe-se a centralidade que as trocas intergeracionais assumem na elaboração dos trabalhos e na realização da

Feira, aproximando os conteúdos escolares da realidade dos estudantes, como contam as docentes Athaíse e Adrielle:

Na Feira, a gente incluiu a ajuda de todo mundo, dos pais, das pessoas mais velhas da comunidade. Os alunos produziram documentários para passar no dia, com as pessoas mais velhas contando o porquê das coisas, quais os jeitinhos diferentes de cada lugar. Isso foi muito interessante! [...] Acho que eles mesmos ficam instigados com o passado deles, né? Com os avós, com os tios, eles trazem isso para dentro da escola. A gente consegue trabalhar isso nos conteúdos mesmo, até em sala de aula. É algo que não é estranho para eles, é algo que eles compreendem muito bem. Até bem melhor do que a gente, e por isso saem esses trabalhos excelentes, porque é algo que faz parte das vivências deles no dia-a-dia. (Professora Athaíse, Disciplina Matemática, Escola Estadual de Serra Nova)

A gente está nessa luta, a mesma luta dele é a minha, pelo fato da gente ser da região, a gente quer que todos estejam valorizando nossas culturas, né? Porque se a gente deixar fugir, os filhos da gente não vão saber o que aconteceu aqui. (Professora Adrielle, Disciplina Sociologia, Escola Estadual de Serra Nova)

Na escola, são realizadas reuniões coletivas nos horários formalmente designados pela rede estadual, denominado módulo II (com periodicidade quinzenal, aos sábados). Destaca-se que, a partir da segunda edição da Feira, em 2018, passou a acontecer a conexão entre docentes da Rede Estadual e da Rede Municipal de Ensino (das Escolas Estadual de Serra Nova e Municipal Rosa Herculana, que são coabitadas), ampliando a participação da comunidade em seu planejamento e realização. O desenvolvimento das atividades é realizado com a participação de estudantes, cursistas e egressos, de cursos de Licenciatura em Educação do Campo da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), UFVJM (Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri) e UFTM (Universidade Federal do Triângulo Mineiro), especialmente vinculados aos estágios curriculares supervisio-

nados e a Programas como o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e o Residência Pedagógica, financiados pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Educação Superior).

Conforme já indicado, a Feira é realizada no dia da Festa da Padroeira, que coincide com o dia dos pais. As atividades são realizadas nos turnos da manhã, da tarde e da noite, quando acontece a celebração da missa. Seu espaço de realização é a rua da escola, que é fechada para o evento com instalação de palco e estandes, sendo um por área do conhecimento. A comunidade é ativa na organização da estrutura física do evento. O evento permanece movimentado durante todo o dia, com a participação de membros da comunidade e visitantes, oriundos de outras comunidades e, também, de outros municípios. Dirigentes sindicais e representantes do poder público municipal também prestigiam as atividades.

Quanto à organização dos trabalhos por área de conhecimento, a professora Adriele nos dá um panorama a respeito das atividades planejadas, desenvolvidas e expostas pelos diferentes grupos:

A minha área que é a Ciências Sociais e Humanidades, [...] a gente fez esse trabalho de cartografia com os alunos e de mostrar mesmo a identidade. [...] Então a gente quis mostrar para os alunos para eles também se identificarem como geraizeiros. [...] A gente trabalhou essa questão dos tropeiros. A gente fez um histórico [...]. Na abertura da feira, eles representaram os tropeiros, entraram de cavalo com uma bandeira de Nossa Senhora do Patrocínio, a bandeira roubada, que é uma tradição das comunidades aqui. [...] No stand, a gente trabalhou o mapeamento. A [comunidade de] Baixa Grande, por exemplo, fez o seu mapa, frisando onde que está o cerrado, onde está a chapada, onde que está o brejo, de onde vem a água, as residências. [...] Também colocaram a igreja, que é o ponto de referência de cada comunidade. Eles frisaram isso. E a gente, ao invés de colocar esses mapas, porque são 17 mapas, em um stand, a gente espalhou pela feira inteira. Cada lugar tinha um mapa. Em Serra Nova, a sede, por ter uma quantidade maior de alunos e também por ser uma vilinha, a gente fez um mapa bem maior e colocou na entrada da feira. Aí, no stand, a gente fez

um histórico da evolução dos veículos utilizados pela comunidade. A gente conseguiu achar alguns veículos, bicicleta de modelos mais antigos, como se utilizava antes, trouxemos e fizemos a exposição. [...] Também fizemos a exposição de objetos antigos utilizados no trabalho de antigamente. A gente foi fazendo essa evolução também. [...] Tipo um museu! Cada aluno arrumou na sua comunidade e foi trazendo utensílios domésticos, coisas bem antigas. Aí fizemos também uma mesa de café. Não sei se vocês perceberam, o tradicional quando você chega numa casa, é tomar café, né? E aí a gente fez uma mesa de café com as quitandas mais tradicionais que tem na região. Todo mundo ia degustando. O pessoal da CVN (Ciências da Vida e da Natureza) fez o trabalho sobre [...] remédios medicinais caseiros. Plantas medicinais. Aí eles fizeram assim: como que sua avó trata você quando você sente isso? Aí os alunos pesquisaram, fizeram entrevista com a vó e no dia eles trouxeram mesmo a receita. Os remédios, o chá. Produziu mesmo na hora. Teve também banco de sementes, onde o pessoal trouxe as sementes e fizeram troca. O pessoal da Matemática trabalhou os frutos do cerrado. E aí trabalhou a culinária na utilização dos frutos do cerrado [...] Aí pesquisaram receitas e fizeram milhões de receitas para produzir e degustar também na hora. [...] E também fizeram um livrinho de receitas e doaram para o pessoal que veio visitar a feira. Foi bem trabalhoso. (Risos) [...] O pessoal da Linguagem trabalhou cordel, contos, entrevistas gravadas, vídeos com pessoas mais antigas e de cada comunidade e expôs na feira. Produziram uma casa de pau-a-pique na feira mesmo, retratando uma cozinha antiga, de como era, com vários cordéis pelas paredes. Aí Anselmo, de Arte, trabalhou a questão da escola, família e comunidade. Trabalhou em forma de fotografia. O aluno se fotografava no momento comunidade, momento família e momento escola. Aí fizeram as exposições da feira, [...] Os alunos apresentaram cordéis, paródias, tudo voltado para a identidade geraizeira. (Professora Adrielle, Disciplina Sociologia, Escola Estadual de Serra Nova)

Embora seja marcante a divisão por áreas de conhecimento, a professora Atháise ressalta a realização de um trabalho de campo coletivo em uma comunidade a partir da temática ambiental

envolvendo a questão da água, revelando trocas e ajudas mútuas entre os diferentes envolvidos:

Assim, vamos fazer junto para ser um trabalho mais amplo [...]. Também teve uma coisa muito bacana que a gente fez. A gente trabalhou junto. A gente escolheu uma nascente que estava um pouco precária e fizemos o trabalho de reconstrução dessa nascente plantando mudas. Esse trabalho foi realizado na comunidade Vereda da Onça. A gente levou os alunos lá e eles mesmo fizeram o plantio com essas mudas. [...] A gente se divide na organização da feira, mas aqui, todo mundo ajuda todo mundo.

A partir do relato acima, particularmente sobre as implicações e desdobramentos da Feira, o primeiro destaque se refere ao desenvolvimento do trabalho de modo coletivo, seja entre diferentes escolas envolvidas, seja entre docentes de uma mesma área e de áreas de conhecimento distintas, seja entre a gestão escolar e o corpo docente, seja dentro e entre diferentes comunidades e destas com a escola, entre outros. A Feira é apontada como um espaço de potencialização dos laços comunitários, de união e de encontro, de trocas de saberes:

E o mais importante, eu acho que é a união de todo mundo, sabe? Talvez o pai de uma pessoa de uma certa comunidade não conhece a família de outra, é um momento que todo mundo se une. Um momento de encontro das comunidades na escola. Então eu falo assim, acho que as comunidades têm participação ativa na escola, porque além de outros movimentos, eles ajudam na produção desses trabalhos para a Feira Cultural e se encontram aqui, para ver como que foi esse trabalho. (Professora Atháise, Disciplina Matemática, Escola Estadual de Serra Nova)

A docente Atháise acredita que a Feira, por envolver participantes de diversas comunidades, pode ser catalisadora de ações semelhantes e, também, de debates em outros territórios, articulados pela escola ou por outros grupos e coletivos, tais como associações comunitárias. Em seu relato, a docente deixa entrever que a questão da água é uma temática em torno do qual outras

propostas podem ser articuladas na região, talvez apontando sugestão para trabalhos futuros:

Acho que fazer um trabalho nessa comunidade específica ajuda a despertar as outras comunidades, né? Aqui se reuniu pessoas de todas as comunidades. É uma prática a se pensar: “nossa, fizeram isso em tal comunidade, que tal a gente trazer isso para a associação? Talvez a associação da nossa comunidade possa fazer esse trabalho que vai nos ajudar com a questão da água.” Acho que ajuda a despertar também para as outras comunidades estarem fazendo também. (Professora Athaíse, Disciplina Matemática, Escola Estadual de Serra Nova)

Sobre o crescente envolvimento da comunidade na Feira articulada pela escola, o professor de Arte, Anselmo, destaca que o projeto e seu desenvolvimento, especialmente sua culminância,

[...] gera expectativa na comunidade [...] Eu acho que esses são os maiores momentos de participação da comunidade junto a escola, na verdade. Aqui em Rio Pardo não conheço uma escola que faz o trabalho parecido com o de Serra Nova em termos de relação com a comunidade, igual a Feira Cultural, sabe? Porque é justamente isso, as comunidades mandando sementes, participando no dia da feira, os alunos interagindo, os pais também. Como é uma feira e ela é cultural, existe venda de produtos, produtos da região e divulgação pra nossa região mesmo, né? [...] Eu acho que é o momento mesmo de comunhão com a comunidade. (Professor Anselmo, Disciplina Arte, Escola Estadual de Serra Nova)

Acerca do que é potencializado na festa religiosa por meio da realização da Feira, o referido professor analisa a dimensão do “empoderamento” comunitário, por ele compreendido na perspectiva das trocas entre as comunidades participantes da Feira por meio da comercialização de produtos da agricultura familiar e de outras trocas (a exemplo da troca de sementes, partilha de receitas, degustação de produtos diversos etc). Tais práticas, antes inexistentes, ainda na visão do docente, em parte justificam a realização da feira e, na visão da docente Adrielle, permite trazer

a diversidade que caracteriza o trabalhador do campo e a identidade geraizeira, como relatam:

Acho que a feira traz isso porque ela gera o empoderamento, né? As pessoas vêm de Monte Alegre pra fazer o biju, vem da Baixa Grande. É justamente essa troca que eu acho que justifica a feira e potencializa a festa. (Professor Anselmo, Disciplina Arte, Escola Estadual de Serra Nova)

Além de ter as exposições dos trabalhos que os alunos produziram para a feira, os pais também trazem produtos da agricultura familiar e comercializam. Então é uma mistura de exposição e comercialização ao mesmo tempo. Mas é justamente para mostrar isso, né? Quem é o trabalhador do campo, quem é essa identidade geraizeira que a gente está dizendo. E aí a gente faz Folia de Reis e é tudo junto e misturado. (Professora Adrielle, Disciplina Sociologia, Escola Estadual de Serra Nova)

A seguir, nas Figuras 02 a 06, trazemos alguns registros fotográficos de momentos importantes da Feira, apresentados e analisados ao longo do artigo:



Abertura da Feira (gestores escolares)



Abertura da Feira (cavalgada)



Exposição de trabalhos por área



Exposição de meios de transporte



Frutos do cerrado (destaque: pequi)



Comercialização de produtos locais

A Feira de Ciências, Cultura e Arte tem os princípios da Educação do Campo intrínsecos à sua proposta, especialmente por assumir centralidade a valorização do campo, o protagonismo de seus educandos e a constituição da escola como um espaço-tempo de direitos dos sujeitos do campo. A valorização do campo aparece na prática educativa em que o contexto de seus estudantes se torna um dos eixos de suas ações, dialogando com os princípios discutidos por Hernández (2001) acerca dos projetos de trabalho. O tema gerador das três edições da Feira, corroboram com esta afirmação, assim como o trecho do projeto citado a seguir:

Por ser uma escola do campo e sentindo a necessidade de conhecer, resgatar e preservar a cultura de nossa região é que nós, corpo docente da Escola Estadual de Ensino Médio de Serra Nova, pensamos em realizar este projeto, cujo intuito busca viabilizar e incentivar os estudantes a valorizar a cultura e tradições regionais, manifestadas, e estratégias a serem adotadas para a conservação do cerrado. (Escola Estadual de Serra Nova, 2018)

Assim, as discussões acerca dos projetos de trabalho, em conjunto com os princípios da educação do campo, nos ajudam a ter um olhar sobre a prática educativa da Feira realizada pela Escola Estadual de Serra Nova. A articulação entre ambos fica nítida quando o contexto cultural dos jovens é trabalhado na feira, estimulando o protagonismo destes estudantes, fazendo o ambiente escolar ganhar potência e sentido através da realização do projeto.

Considerações finais

De modo geral, as ações analisadas neste artigo referentes ao projeto de trabalho interdisciplinar de uma Feira em escolas do Campo no Norte de Minas Gerais constituem-se como desdobramentos de políticas públicas, programas e projetos governamentais propostos nos últimos 15 (quinze) anos visando à melhoria da Educação pública brasileira, a exemplo do Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (Procampo), o Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio (PNEM), o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) e o Residência Pedagógica. Neste sentido, defendemos a continuidade dos mesmos, bem como sua ampliação e aprimoramento, dado que, tal como apontam esta e outras pesquisas, apresentam significativos impactos na qualidade social da Educação no país. De modo particular, compreendemos que as práticas educativas associadas à Feira constituem uma importante repercussão das ações de egressos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFMG (LECampoFaE/UFMG) e de sujeitos a eles/as vinculados no município pesquisado, egressos e cursistas de Graduação (Licenciatura), Atualização e Especialização em Educação do Campo no município pesquisado, se desdobrando no desenvolvimento local numa perspectiva sustentável.

O projeto analisado é marcado por avanços no sentido de se constituir como uma possibilidade concreta encontrada pela escola de mediação e articulação de outras formas formas de organização dos tempos, espaços e da produção do conhecimento escolar voltado para os sujeitos do campo, especialmente reforçando a articulação escola-comunidade. Cabe salientar, contudo, que tais avanços são construídos em meio a inúmeros desafios ainda enfrentados pela escola do campo para consolidação de seus propósitos. É com uma infra-estrutura precária das escolas (ausência de laboratórios, quadras esportivas, materiais de consumo básicos e rotatividade docente devido à ausência de concursos públicos etc) e dificuldades marcantes no que tange ao transporte escolar dos estudantes que o projeto é realizado e sustentado pelo coletivo que ali se constitui, formado pela articulação escola-comunidade.

Por fim, apontamos que o projeto reforça alguns princípios da Educação do Campo, com destaque para a consolidação da escola do campo como espaço-tempo de direito e, especialmente, o protagonismo dos sujeitos do campo.

Referências

ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel; CARVALHO, Cristiene Adriana S. (orgs). Caderno II Educação do Campo: histórico, princípios, conceitos e práticas. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2015.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEM DIVERSO. TC Alto Rio Pardo (MG). 2019. Disponível em: <http://www.bemdiverso.org.br>, Acesso em: 01 mai. 2019

CALDART, Roseli S., PEREIRA, Isabel, ALENTEJANO, Paulo, FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

COSTA, A.C.G. A presença da Pedagogia: teoria e prática da ação sócio-educativa. 2ª Ed. São Paulo: Global: Instituto Ayrton Sena, 2001

HERNÁNDEZ, F; VENTURA, M. A organização do currículo por projetos de trabalho: O conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

NOGUEIRA, Mônica Celeida Rabelo. Gerais a dentro e a fora: identidade e territorialidade entre os Geraizeiros do Norte de Minas Gerais. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, 2009.

PEREIRA, Luzia Faustina. Minha Terra, Minha Paixão (poesia). Disponível em: encurtador.com.br/kqvA4, Acesso em: 01 mai. 2019

SILVA, Janiele Martins Silva e HESPANHOL, Rosângela Aparecida de Medeiros. Discussão sobre comunidade e características das comunidades rurais no município de Catalão (GO). Soc. & Nat., Uberlândia, 28 (3): 361-374, set/dez/2016